

1

PAYTON

Agora, 2 de julho

O Deaton choraminga, arqueando as costas e dando pontapés. Luta com toda a força contra o *bodie* novo em que estou a enfiar-lhe os braços, a terceira mudança de roupa do dia. Dele e minha.

— Está bem, pequenino. — Consigo abotoar os dois botões exteriores e dispenso o do meio.

Faço cócegas nos pezinhos minúsculos e calçados com peúgas, agarro-os, agito-os, com um grande sorriso, fazendo de conta que é um jogo. Funciona lindamente, e ele deixa de se mexer durante meio segundo, o tempo para lhe vestir os calções de algodão. Então ele grita, com os braços esticados, os punhos a abrirem-se e a fecharem-se, mostrando que quer colo.

— Um segundo, meu senhor.

Viro-me para o meu guarda-roupa desarrumado à procura de outra camisola lavada, mas só vejo cabides vazios. Apenas uma das gavetas contém as *T-shirts* que uso para dormir. Isto é, no lado destinado às roupas que me servem. Os meus olhos fixam-se na peça menos amarrutada. Ainda preciso de tomar duche, por isso, de que serve preocupar-me com passar a ferro ou, raios, com roupa a combinar?

Passar a ferro. Solto um ruído de troça. Vai tardar até poder fazer semelhante tarefa. O máximo que vou fazer é atirar a roupa para a máquina de secar, e esperar que resolva a trapalhada que criei ao encher o cesto sem cuidado.

— Bem, cavalheiro, parece que estamos oficialmente a juntar a roupa suja à lista interminável de tarefas.

O Deaton grita com mais intensidade, lembrando-me porque é tão importante manter a rotina.

— Eu sei. A culpa é minha por não teres dormido a sesta, e vamos todos pagar por isso.

Dispo a blusa pela cabeça, a falta de delicadeza fá-la prender-se no coque com que atualmente pareço viver, mas nem sequer me dou ao trabalho de tirar as madeixas soltas de baixo do algodão.

Pego no rapazinho, que, de repente, odeia ser posto no chão a não ser que haja qualquer atividade que inclua água. Que tola sou, pensei que ele ficaria mais independente depois dos primeiros meses, mas parece o contrário. É pena que não lhe possa dar mais banhos por dia, para libertar as mãos, e, mesmo assim, não consigo fazer nada. São os dez minutos, mais ou menos, sentada no chão de ladrilhos, sem responsabilidades, que fazem valer a pena a luta para o secar, lhe pôr a fralda e o vestir.

Bem, sem responsabilidades a não ser o medo constante de cometer o erro de olhar para o lado durante a fração de segundo que demoraria a torcer-se e a escorregar na água.

Sim, os banhos não são assim tão relaxantes, mas o sorrisinho quando ele espalha água por todo o lado é melhor do que qualquer momento de descanso. Circulo pelo quarto, mas o Deaton continua agitado, esfregando a cara no meu peito e brincando com os caracóis.

— Estás cansado, meu querido?

Beijo-o na cabeça, embalando-o, mas o meu homenzinho detesta perder pitada. Assim que reconhece o movimento — a tentativa de o embalar até adormecer —, levanta a cabecinha, sopra ar entre os beicinhos e desata a babar-se.

— Oh, fazemos bolhinhas enquanto choramos, é? — Rapidamente, agarro num babete e ponho-lo, sem parar de balouçar o seu corpo. Os meus olhos reparam no relógio e arregalam-se. — Merda. — Fecho os lábios, mas suspiro. Devia estar pronta há uma hora. Sabendo o que me espera esta noite, aguento-me e respiro fundo. — É agora ou nunca, cavalheiro. — Com a manta ao ombro e um brinquedo na mão, enfio

um par de chinelos, contrariando o que tinha dito a mim própria que não faria hoje.

Dirijo-me para a casa ao lado, da Lolli e do Nate. Paro um momento a ouvir, e a discussão no corredor indica-me para onde ir. Abro então a porta do gabinete da Lolli.

— Socorro, pelo amor do café quente, acudam-me. *Por favor.* — As palavras saem-me antes de abarcar tudo e, infelizmente, nem sequer tenho energia para ficar boquiaberta. Ou rir-me.

A Lolli, a rapariga aterrada com o casamento, e com quase tudo inerente ao reconhecimento de sentimentos, embora tenha melhorado, está em cima de um banco no centro da sala, envergando um vestido de noiva branco e gigantesco. A prima, e nova colega de quarto, Mia, está ajoelhada ao lado com agulha e fita métrica na mão. A Mia tem sorte, a Lolli adora-a, e quer que o novo negócio de costureira dê certo, ou nunca ninguém a apanharia com um vestido assim, nem morta.

Deixo os ombros descaírem. Lá se vai a escapadela de cinco minutos.

— Ah... — A atenção da Lolli prende-se no Deaton, e ela tenta descer, mas a Mia é rápida e segura-a.

— Ah, isso não! Lolli, a sério! — Ela abana a cabeça. — Vômito de bebé neste vestido não, por favor — diz ela, como se já tivessem tido esta conversa.

— Mais uma vez, Mia, *potencialmente*. E agora estás a enervar-me. — Ela olha para mim, um pedido de desculpas a desenhar-lhe rugas na testa. — Desculpa, ela mais parece um sargento de instrução.

— Não faz mal. Eu só... — Hesito, decidindo que uma verdade é suficiente. — Queria tomar um duche antes de os pais do Nate chegarem. Detesto parecer que não tenho a vida controlada quando eles vêm. — Outra vez.

Olho pela janela panorâmica ao fundo, vendo pessoas a caminho do mar, e espero que ela não desconfie de qualquer *outra* razão potencial para hoje o meu *stressómetro* estar a transbordar. Felizmente, ela não liga.

— Tens a vida controlada, sim, e sabes que a Sarah e o Ian nunca fariam juízos de valor. — A Kalani, ou Lolli, como lhe chamamos, lembra-me o que já sei.

Se algum dia ela ceder, e aceitar casar-se com o Nate, como ele quer, terá oficialmente um dos melhores pares de sogros do planeta. Embora eu deva dizer que estão empatados com um certo par de pai e mãe meu conhecido. Não os meus, claro. Os *dele*.

Engulo em seco e afasto esse pensamento.

— O lado positivo é que eles só chegam por volta das cinco — acrescenta a Mia com um sorriso.

— É verdade! — concorda a Lolli.

Franzo o sobrolho e decido que elas não estão a brincar. Parece que não sou a única a quem o tempo fugiu hoje.

— São cinco e meia. — Dou eu a má notícia.

A Lolli lança um olhar à Mia, que se ri alto, e fico a observar as duas enquanto passo o Deaton de um braço para o outro, balouçando-o ligeiramente, pois ele está cada vez mais impaciente. Com ou sem bebé irrequieto, não consigo deixar de sorrir ao ouvir as duas discutir como irmãs. A Lolli solta um grunhido.

— Tenho de sair daqui antes que eles voltem e...

— Voltámos!

A Lolli cala-se ao ouvir a súbita voz intrusa, as palavras gritadas vindas da frente da casa e, como se estivéssemos mergulhadas em nitrogénio líquido, paramos logo tudo.

Cai-me o coração aos pés, sinto suores frios na palma das mãos.

Oh, meu Deus. Não, não, não...

Os meus olhos erguem-se, fixando-se nos das raparigas. O pânico que me invade reflete-se nas suas caras, nenhuma das reações tem relação com as razões das outras, mas a origem do meu pânico é secreta. Não é o segredo mais bem guardado, mas é segredo mesmo assim.

Um baque suave tira-nos da imobilidade e, de imediato, mexemo-nos. A Mia abre o fecho do vestido da Lolli, enquanto esta estica os braços e tira os ganchos do cabelo comprido preto. Giro nos calcanhares, faço tudo o que posso para fugir, com a mão já na maçaneta da porta, pronta para me escapulir pelas traseiras.

Para isto é que não estou preparada. Pensei que podia fazer cara corajosa, mas, afinal, não sou corajosa. Sinto-me mal só de pensar nisso, e simplesmente... não consigo. Preciso de um pouco mais...

A porta abre-se do outro lado, grito, e quase me desequilibro, mas os olhos viram-se para o recém-chegado. Ia engolindo a língua. É como se me injetassem cimento nas veias, cada centímetro de mim fica pesado até se transformar em pedra. Sinto a pulsação acelerada, mas depois quase estaca, quando os meus olhos se fixam noutros, castanhos, pensativos, e tão familiares que os poderia escolher entre centenas.

Os meus dedos enrolam-se no cobertor do Deaton e abro a boca, mas não me sai qualquer som.

Aqueles olhos escuros semicerram-se, procuram, veem.

Suavizam-se.

O meu estômago dá voltas e reviravoltas, e não consigo dizer se é do desconforto ou da euforia. Ou de medo, pronto.

Como ficam ainda tão ternos quando se fixam nos meus?

— O que se passa? — As palavras dele são uma pequena exigência, e só me apetece gritar e chorar ao mesmo tempo.

— Nada. — *Tudo.* — Está tudo bem.

— Ela precisa de ajuda com o Deaton — diz a Lolli.

— Lolli — sai-me num silvo, e viro a cabeça para ela por um instante.

Tento manter-me concentrada nela, mas é demasiado óbvio, para não dizer *difícil*. Por isso, lentamente, volto a focar-me no homem diante de mim. E ele é um homem. Juro, cada vez que o vejo, há algo nele que mudou. Às vezes, é subtil, um corte de cabelo mais curto ou um bronzado mais intenso do que a tez cor de azeitona do ano inteiro — se é resultado das horas intermináveis que passa no campo de futebol, ou se é natural, não sei dizer. Outras vezes, é mais do que isso. Os ombros dele ficaram mais largos neste ano desde que o conheço, o queixo mais destacado. As mãos...

Engulo em seco, incapaz de desviar o meu olhar do dele.

Se alguma coisa nele não mudou, são os olhos. As íris cor de mel estão mais belas do que nunca, a mistura perfeita de luz e escuridão, nítidas mas sóbrias. Uma ilustração perfeita do seu carácter.

O Mason Johnson tem tanto de feroz como de terno. Ele é o *yin* e *também* o *yang*. E, após quase nove semanas de silêncio repentino, está diante de mim com uma expressão que ameaça desarmar-me. Ele não

diz palavra, mas não precisa. O ligeiro franzir de sobrolho que lhe tolda as feições revela o suficiente — está preocupado, frustrado.

Zangado.

Mas é mais profundo do que isso. Consigo vê-lo no olhar perturbado.

Aconteceu alguma coisa? Fiz algo de mal? Mudaste de ideias...

São apenas algumas das perguntas que faz sem abrir a boca, e não quero responder a nenhuma agora. Para ser sincera, nem sei se conseguiria responder.

Mudou alguma coisa?, pergunto-me, engolindo as agulhas que parece que me brotaram na garganta.

Mesmo assim, zangado ou não, é atencioso como sempre, aproximando-se, e sei, antes de ele levantar os braços, que vai pegar no Deaton. Hesito, nem que seja por uma fração de segundo, mas é o tempo suficiente para ele reparar, e os seus lábios apertam-se ainda com mais firmeza. Desvio o olhar quando lhe passo o meu filho, e saio a correr da sala. Estou pronta para disparar a toda a velocidade, mas os meus pés não entendem a mensagem e fixam-se no chão, fora do alcance da vista, mas não do ouvido.

A voz do Mason chega-me instantaneamente e sei, pelo tom melódico, que está a embalar o meu filho, tal como eu estava.

— O que se passa, pequenito, hem?

Uma dor aguda pica-me o peito, ainda penso em entrar e levá-lo de volta, mas, nem um segundo depois de ele falar, o que parece que nunca consigo está feito — o Deaton deixa de chorar. Baixo o queixo e saio dali a correr, fechando suavemente a porta das traseiras atrás de mim, para que ninguém seja alertado da minha fuga. Faço de tudo para evitar toda a gente que acabou de chegar. Agora, já não posso parar; isso levaria a demasiados pensamentos, para os quais não estou preparada. De todo. De modo algum.

Desço rapidamente o alpendre, atravesso os cerca de seis metros de areia, e volto a subir para o alpendre ao lado. Sim, o meu irmão mais velho, Parker, é dono da casa ao lado da do seu melhor amigo. Quando a Lolli lhe disse que comprara a dita casa, parecia uma bênção que eu não merecia. Foi assim que ele pôde oferecer-me quarto próprio, e ao

sobrinho um quarto de bebé quando ele nasceu, depois de eu fugir da casa da nossa mãe.

Porém, é nestas alturas que me pergunto se devia ter aceitado a oferta do meu pai para viver na casa dele, por mais estranha e insólita que tenha sido a conversa, considerando que mal nos damos hoje em dia. Mas, quando penso nisso, sei que fiz a escolha certa, no momento em que lhe respondi de supetão, «nem pensar». A minha recusa não teve nada que ver com ele a nível pessoal, embora não saiba se ele acreditou na minha argumentação, tendo em conta que não entrei em mais pormenores. Se ele me conhecesse melhor, nem teria sugerido. Compreenderia que morar com ele significaria voltar para Alrick, onde mora a minha mãe e a família que partilha o apelido do meu filho. Era só o que faltava, o meu Deaton perto dessas pessoas horrorosas. Eles odiavam o filho tanto quanto a minha mãe me odeia.

Deixar aquele sítio foi a melhor e a pior decisão que alguma vez tomei. Por um lado, o meu filho nunca será exposto à toxicidade que é a Ava Baylor. Por outro, é a razão pela qual o pai dele morreu.

Eu sou a razão pela qual ele morreu.

Engolindo em seco, fecho a porta do meu quarto, e encosto a cabeça. Mal fecho os olhos, soam passos apressados no soalho do corredor. Sustenho a respiração, o som da sua expiração pesada faz-me apertar a maçaneta que ainda não larguei. Sei quem está no outro lado. Claro que ele me seguiu.

«Onde tu estiveres, é onde quero estar...»

Aperto as pálpebras com força. Há um pequeno ruído, como se ele tivesse levantado os nós dos dedos para bater, para exigir uma resposta ou implorar por uma justificação, mas tivesse mudado de ideias no último segundo. Os meus olhos abrem-se, apontados ao chão, onde a sombra dos seus pés se encontra a centímetros dos meus, e fico a vê-la desvanecer-se quando ele se afasta um momento depois.

Cerro os dentes, salto para o duche e recomponho-me o mais depressa possível, o que descobri ser mais rápido do que alguma vez pensei, agora que cada minuto é um minuto que não posso desperdiçar. Alisando o cabelo para trás, pego nas madeixas da frente e torço-as ligeiramente para as abrir ao meio, e apanho-as num rabo de cavalo alto.

Entranço as madeixas grossas e molhadas, o longo comprimento louro que ainda chega ao meio das costas. Com um pouco de cera, aliso os cabelinhos soltos bem junto à cabeça, e pinto-me só com pó bronzeador, *blush*, rímel e, no último minuto, um toque de batom.

Quase não tenho roupa que me sirva, não é que a minha mãe tenha mandado todos os pertences, mas as coisas que ela encaixotou são três tamanhos abaixo, mesmo oito meses após o parto. Quando me emancipei, no ano passado, esvaziei a conta bancária antes de a minha mãe se aperceber, mas ela ignorou a ordem do tribunal que me autorizava a ir buscar as minhas coisas. Por fim, descobri que os bens materiais não me importavam, se tivesse de a encarar e lhos pedir. Não valia a briga, e briga era *tudo* o que ela procurava. Uma reação. Por isso, deixei de lhe dar essa oportunidade.

O dinheiro que poupara, ao ganhar concursos em que ela me obrigava a entrar, e dos concursos secretos de fotografia que ela desconhecia, foi suficiente para comprar as coisas de que precisava, mas só porque o meu irmão se recusa a aceitar um cêntimo de renda. Assim, deve chegar-me para seis meses, aproximadamente, ou mais tempo, se a Lolli e o Parker continuarem a comprar coisas para o Deaton, e para mim. Não é que eu queira que comprem, mas é provável que não parem.

A minha falta de roupa, aliada ao peso extra a que o meu corpo parece querer agarrar-se, traduz-se numa vida passada em calças elásticas, *T-shirts* desirmanadas, e camisolas leves com capuz, há quase um ano. Vejo-me ao espelho comprido ao lado do armário e suspiro para o reflexo. Mostra uma diferença abissal da rapariga que eu era quando apareci pela primeira vez à porta do meu irmão, enfiada numas calças de ganga de duzentos dólares, e com uma malinha de mão que custava mais do que a entrada para a *pick-up* nova dele. Eu era uma rapariga rica, esplendorosa e perfeita por fora, sufocada e esfomeada por dentro — graças à necessidade de a minha mãe ter a sua versão de filha troféu. Ela deixava-me comer, desde que me visse a vomitar tudo depois. A única coisa que podia ingerir era o que ela me dava, junto com as «vitaminas» que me impingia todas as manhãs.

Não há como um inibidor de apetite e uma mão-cheia de amêndoas ao natural para o pequeno-almoço, não é, mãe?

Afasto os pensamentos, que não fazem nada além de azedar ainda mais o meu humor, e olho para a roupa — saia com calções por dentro, de cor verde-sálvia, e uma camisola larga, cor de baunilha, sem gola, que descai no ombro esquerdo, e uma camisola de alças a condizer por baixo, para esconder as alças gigantes do meu sutiã de amamentação. Os calções sufocam-me as coxas, mas a bainha da saia esconde-as, e a cintura sobe o suficiente para esmagar parte das curvas numa figura minimamente aceitável.

Não caberia nas roupas antigas nem que passasse fome durante um ano. As minhas ancas estão mais largas, as pernas engordaram, e todas as outras partes de mim acompanham. O rabo, os seios e a barriga. Até os pés estão maiores, incapazes de caber em vários dos sapatos que ganham pó no meu armário, ou talvez estejam apenas inchados por carregar um bebé de dez quilos, mas também os dezoito quilos que me sobraram depois do parto.

Fecho os olhos, respiro fundo e forço-me a sair do quarto antes de perder a coragem e pedir ao Parker que traga o Deaton, com a desculpa da hora da sesta. Eles pressentem o que se passa, pois a Lolli comprou um parque infantil para a sua casa, sabendo que o grupo planeava passar lá a maior parte da semana.

Os meus lábios curvam-se ao pensar nisso.

Há uma coisa que posso dizer sobre as novas pessoas na minha vida — fazem-me sentir que querem fazer parte dela, não por serem amigos do meu irmão, nem familiares da namorada dele, nem porque estou sempre por aqui, mas sim porque se preocupam verdadeira e genuinamente. Gostam de mim e, mais importante, adoram o meu filho.

De cabeça erguida e com um sorriso ensaiado, saio pela porta das traseiras, e aceno quando toda a gente, no alpendre ao lado, manifesta entusiasmo por me ver. O sorriso postiço na minha cara muda e um verdadeiro toma o seu lugar, com mais vontade de se juntar à festa cada passo que dou em direção a ela.

Isto é, até encontrar o sobrolho franzido do homem com os braços pousados no corrimão, como se estivesse à minha espera. Não tenho dúvidas. Está escrito no queixo retesado e nos lábios cheios mas contraídos. Está chateado comigo, e com razão.

Toda a gente está aqui para as férias, por isso ele sabe que não tenho como fugir no fim de semana, além de me deslocar da minha casa para a casa da Lolli, para aquela que ele tem com os amigos, ao fundo da rua, mas isso não significa que eu não faça o que puder para evitar... tudo.

Os olhos dele semicerram-se como se lessem os meus pensamentos, e o ar que se apodera da sua cara provoca-me um arrepio na espinha, sussurrando palavras que ele não precisa de dizer em voz alta. A mensagem é clara como água naqueles olhos expressivos: *Desafio-te a tentar*.

Desculpa, Mase, mas eu vou.



O sol pôs-se há algumas horas e, com ele, veio uma nova sensação de pavor. A tarde foi concorrida, nada menos do que cinco conversas acontecer ao mesmo tempo, o que ajudou a manter-me ocupada e não matutar, mas, na última meia hora, casal após casal, grupo após grupo, foram saindo, e quando o meu irmão e a namorada, Kenra, são os próximos a levantar-se, forma-se um nó na minha garganta. Antes que eu possa seguir, e aceitar que deram o serão por terminado, o par olha na minha direção.

— Fica mais um pouco — sugere o Parker, como eu sabia que faria.
— Levamos o Deaton connosco e deitamo-lo.

A ansiedade aumenta, enviando uma onda de náusea, e olho para o bebé adormecido, aninhado ao meu lado no sofá do pátio, com os cobertores bem aconchegados até ao queixo. Não se vê mais do que a carinha e uma pitada de caracóis escuros na testa.

— Não é preciso. — Tento levantar-me, mas o meu irmão põe-me a mão no ombro, e faz força para que me sente outra vez. Os seus olhos azuis, quase do tom dos meus, suavizam-se.

— Fica, Peep. Vou ligar os monitores e vigiá-lo como um falcão. Vamos acabar de ver aquela série documental, ficamos acordados algum tempo. Relaxa, querida. Volta para casa quando te apetecer.

Quero argumentar: «E se ele acordar e precisar de mim?» Mas ambos sabemos que não vai acontecer. O Deaton, mesmo estando dependente de mim, e não conseguindo adormecer sem embalo, festinhas

ou cantigas, dorme a noite toda, e são horas de dormir. Está pronto, e aceitará um biberão se for preciso. Quando hesito, a Kenra toca-me no joelho com o seu, chamando-me a atenção.

— Queres que vá buscar o monitor para aqui?

— Não, tudo bem. — Abano a cabeça, sorrindo aos dois. Eles sabem que confio neles. Quer apenas assegurar-se de que não tenho desculpas para recusar o pouco de liberdade que me dão. — Obrigada.

É tudo o que consigo dizer, e fico a olhar enquanto o Parker pega no sobrinho. O meu olhar segue-os até à casa ao lado.

Quando os meus olhos se voltam para a areia, vejo o Mason também a observá-los, e sei o que vai acontecer. A cabeça dele vira-se, a atenção fixa-se em mim, e o que quer que ele estivesse a dizer ao Brady, o qual é um vértice do triângulo de amigos do peito, morre-lhe nos lábios. Pede logo licença e sobe os degraus para o alpendre, a tal velocidade que quase lhe chamaria corrida.

As minhas terminações nervosas formigam, apreensão e mais apreensão percorrem-me braços e pernas com a aproximação dele, sem ninguém para o intercalar, embora o ar dele me diga que não daria qualquer hipótese nesse sentido.

Ele esteve todo o dia à espera disto, de um momento só nosso, tanto quanto eu o temia. Em vez de se sentar no lugar vago ao meu lado, o Mason enfia o pé debaixo da mesinha à minha frente, puxa-a para si e deixa-se cair, aceitando nada menos do que a minha atenção total.

Fica calado um momento, o sobrolho franzido que tenta combater, mas não consegue desanuviar. Passam vários segundos, talvez um minuto ou dois, antes de abrir a boca, e a voz é um sussurro quente e ferido.

— Olá, Miúda Linda.

Os meus pulmões expandem-se respirando fundo ao ouvir a alcuinha que me pôs no dia em que nos conhecemos. Nasceu da inocência, uma provocação do homem divertido e sedutor que vivia na praia, mas tornou-se muito mais do que isso, e a forma carinhosa como ele a diz afasta-me do pânico que ameaça invadir-me. Os meus lábios curvam-se num sorriso suave, e os dele também.

— Olá, Mase.

O olhar dele percorre o meu rosto e fixa-se na minha única trança. Desta vez, quando os seus olhos voltam aos meus, há uma centelha. É fugaz e, se eu tivesse pestanejado, tê-la-ia perdido. Algo aquece no meu peito e pergunto-me se, subconscientemente, decidi fazer uma trança para ele ver, ou se foi pelo fator tempo. As minhas faces ruborizam-se ao pensar nisso, mas, felizmente, já está escuro.

O Mason olha para o céu, orvalhado pelo ar da noite de julho e, quando me volta a encarar, todo o seu porte se suaviza. É demais, e baixo o olhar para o colo e desato a puxar os borbotos da manta que me cobre as coxas.

— Payton...

— Acho que, afinal, vou deitar-me. — Levanto-me e os meus joelhos batem nos dele.

Quando os meus pés não se mexem e o Mason também não, arrisco olhar para ele. Uma expressão cabisbaixa toma conta das suas feições e, lentamente, ele levanta-se. Estamos tão próximos, entalados entre a poltrona e a mesa. O meu peito está encostado à barriga dele e, se inclinasse o queixo um pouco, a minha testa ficaria encostada aos músculos do peito dele. A mão dele sobe e assusto-me quando os nós dos dedos me roçam na face. Ele tira a mão, e, quando o fito em jeito de pergunta, o seu sorriso é forçado.

— Só um pouco de água — sussurra, e só então me apercebo de que me caiu uma lágrima.

Nem sequer senti.

O som da porta de vidro deslizante a abrir-se chega até nós, por isso, o Mason vira-se e vai direito ao frigorífico. Pega em duas cervejas, abre uma terceira, e já a emborcou antes de os pés chegarem à areia. Caminhando na direção oposta à dos amigos, desaparece sob o céu escuro da noite.

Volto a sentar-me e fecho os olhos, esperando que a respiração profunda ajude a esconder o tumulto que me invade a mente. Ele foi-se embora, sabendo que era do que eu precisava. Luto contra as lágrimas que ameaçam voltar, com a culpa a invadir-me por gostar da forma como ele sabe o que estou a sentir, sempre, e odiando-me por isso. Ele não devia ser capaz de me ler como um livro aberto.

Mas ele sempre foi assim, não foi?

O estofo afunda-se por baixo de mim, e encosto a cabeça na almofada macia, olhando para a minha amiga. A Arianna Johnson olha na direção que o seu irmão gémeo acabou de tomar, antes de se virar para mim com um sorrisinho.

— Queres contar-me o que aconteceu entre os dois?

Fico tensa, engulo o nó na garganta e olho para a água iluminada pelo luar. Forço os lábios a arquearem-se nos cantos, aceitando a lata de refrigerante que ela me passa.

— Não aconteceu nada.

Ela inclina a cabeça um pouco e, após um momento, anui. A Ari não acusa a minha mentira, mas ambas sabemos que é.

O que aconteceu entre mim e o Mason?

Meu Deus. Por onde posso começar?...